

.Só me restam as lagrimas.

Marco Fiorilli



Apresentado por

Meu Lado Poético 

Dedicatã³ria

A todos que me amam ou um dia me amaram.

Agradecimentos

A minha família e a todos que tiverem alguns instantes para apreciar poesia.

resumo

O Relógio na imensidão Azul

Engenho

espelho d'alma

Dormir ao léu

Um momento esquecido

Sapo silencioso.

O Exorcismo das Páginas

A Fúria Alada

O Boi de Mamão.

A noiva fantasma

O vazio que fica.

O teto do mundo

Quando faltam palavras

Loucura coletiva

Desprendimento

O Cupido Miope

Milagre Imperfeito

Sombra no escuro

Vale a pena lutar?

Guerra é um fato

O Guardião do Tempo Dourado

Filha do Aço

O Relógio na imensidão Azul

O Relógio no Abismo Azul

Um tique-taque silente, em queda livre,

No azul profundo, onde a luz mal sorri.

O tempo, antes cativo, agora vive

Liberto das amarras, sem o que medir.

Ponteiros fixos, memória de um passado,

Engrenagens que a areia irá calar.

O mar, em seu abraço frio e salgado,

Devolve o que não pode mais marcar.

Não há pressa nas correntes que o levam,

Nem no balé dos peixes a dançar.

As horas que em seu corpo se teciam,

Agora são segredos do vasto mar.

Engenho

Na vasta planície, sob o sol a pino. Ao longe o engenho range, um lamento divino.
Gado paciente, de olhar sereno, Vaga em círculos, seu passo ameno.
A moenda gira, um esforço sem fim, Cana espremida, doce se faz, enfim.
Suor e labuta, a força que impera, Até a terra afundar, a cana prospera.
O cheiro do caldo, no ar se derrama,
A vida brotando após cada chama.

espelho d'alma

No espelho d'alma, um olhar profundo, Meu reflexo, meu silente guardião, Testemunha muda de um mundo.

Um retrato que se move e muda com o tempo, Traços se alteram, rugas vêm, A história escrita em cada contorno.

No brilho fugaz, a vida que flui, Momentos vividos, alegrias e dor, Até que o eco da imagem, por fim, desaparece.

Dormir ao léu

Quando a noite desce, manto anil e vasto,
E o vento sussurra seu contar modesto,
Deixo a casa, as grades, o aconchego lento,
Para a vastidão, em puro encantamento.
O leito é a terra, macia e ancestral,
Cobertor, o céu, com seu brilho astral.
A cabeça pende, em grama orvalhada,
Embaixo, a raiz calada.
Nenhum teto pesa, nenhuma parede esconde,
Só o firmamento, lá onde o sonho responde.
O cheiro da mata, fresco e singular,
Embala o repouso, convida a sonhar.
As estrelas piscam, guardiãs da paz,
Contam histórias que o tempo não desfaz.
A lua vigia, em prata a sorrir,
Enquanto a alma voa, livre a sentir.
E ao raiar da aurora, o sol a beijar,
Desperto renovado, pronto a amar.
Dormir ao léu é um abraço ao mundo,
Um pacto com a paz, no universo um mergulho profundo.

Um momento esquecido

Sobre o rio do tempo, as águas rolam, sem pressa ou pausa, vidas se desenrolam. Em cada instante, um sopro, um breve engano, Viver sem rumo, um tempo sem propósito, um desvão.

E a poeira cósmica, em dança sideral, Nos mostra a finitude, um fim universal. Um dia, lá no céu, findará o clarão, Quando a última estrela se apagar, em treva se tornar.

O grande silêncio, a calma que resta,

Memórias perdidas, em vã e solitária festa.

O tempo então, em seu leito adormecido,

Será apenas um momento esquecido.

Sapo silencioso.

No brejo dorme o sapo mudo,
guarda o segredo, o som miúdo.
Lua testemunha, vento vigia,
começa o ponto, nasce a magia.
Linha vermelha na mão
fio do tempo, laço e prisão.
Chamo o nome, traço o destino,
falo baixinho, verbo divino.
Fica contido quem me feriu,
tudo o que disse já se extinguiu.
Na boca do sapo repousa o som,
silêncio sagrado, justiça e tom.
Cada costura, um nó de poder,
cada palavra, um renascer.
Não peço mal, peço sossego,
que a língua falsa perca o apego.
Sapo do brejo, guardião da calma,
fecha o nome, protege minha alma.
Que o dito cesse, que o mal se vá
pelo brejo, pela lua, assim será.

O Exorcismo das Páginas

Este livro, de capa já puída e gasta, Era o cofre de toda a minha escuridão. Atestado solene da alma solitária.

Guardei nestas páginas o medo não dito, A lágrima que o mundo não devia ver, O grito que a garganta reteve, restrito, E a dor que prometi nunca mais sofrer.

Aqui jaziam amores que findaram cedo, As traições que me fizeram calar a voz, O peso do fracasso, Tudo escrito em letras pálidas.

Por anos, foi meu templo e meu castigo, Um espelho do que fui e senti. Um diário-fantasma, um cruel amigo, Que me impedia de viver o que hoje aprendi.

Mas a alma se cansa de ser um arquivo. O fardo do passado não pode durar. Hoje, ergo-o nas mãos, e decido que vivo. É hora de queimar, é tempo de sarar esse meu peito ferido.

Ao fogo! Entrego a lenha de minha miséria, O papel se contorce, a tinta se esvai. A labareda lambe a vida etérea, E o sofrimento vira pó, sobe e cai.

E enquanto as cinzas sobem em fumo leve, Sinto a cicatriz do peito enfim se abrir. Não sou mais o prisioneiro que o diário escreve. Agora percebo que o fogo levou parte de mim consigo e percebo que como o livro as chamas também vão me consumir.

A Fúria Alada

Quando a trombeta silencia o éter,
E o céu se tingem em cor de brasa e fel,
Não é a terra que treme, é o puro ser
Dos anjos, que se erguem, rompendo o véu.
Não há brandura em seus olhares de diamante,
Nem cânticos de paz, nem doce mel,
Apenas a ira justa, fulgurante,
Que o próprio Amor Divino lhes concebeu.
As asas, antes níveas, nuvens de esplendor,
Agora são ciclones, ventos de temor,
Cada pena uma lança, um raio a crepitar.
E a voz que um dia trouxe a paz aos corações,
É agora o trovão que quebra as ilusões,
O brado do Altíssimo a se manifestar.
Eles que viram mundos desmoronar,
E a fé dos homens em pó se transformar,
Guardaram a dor em seu peito imortal.
Mas chega o tempo em que a paciência finda,
E a justiça, que antes era mansa e linda,
Assume a forma de um furor angelical.
Não há perdão nos olhos que tudo veem,
Só a sentença que os céus e a terra leem,
Escrita em fogo, em glória e em aflição.
E ao som das espadas que não têm rival,
A fúria dos anjos, divina e fatal,
É o juízo final em cada coração.

O Boi de Mamão.

No compasso da ilha, onde o mar beija a areia, Nasce um folguedo que a alma incendeia. Com traços açorianos, em cores e som, Vem o Boi de Mamão, na dança, sem dom.

De pano e de chifres, de rosto inventado, O boi entra em cena, malhado, assustado. Mateus, o vaqueiro, com a guia na mão, Conduz a folia, mistério e canção.

A Bernunça voraz, com sua bocarra, Balança no passo, a dentada que agarra. Engole a molecada em um bote ligeiro, Renasce a risada no povo festeiro.

Lá vem a Maricota, rodando o quadril, Com seus braços longos, num charme sutil. E a Cabrinha salta, em passos de pular, A bicharada toda a festejar.

O drama se arma, no centro da roda: O boi está doente, a vida se escoa. O Doutor e a Morte, numa trágica lida, E o Vaqueiro aflito, por ter sua vida.

Mas o benzimento, em versos e rezas, A cura se espalha, espantando as incertezas. O boi se levanta, com novo vigor, E a festa explode em alegria e louvor.

Pandeiro e viola, um ritmo ligeiro, Alegria o salão, do chão ao cruzeiro. De casa em casa, a alegria se dá, Onde a tradição nunca pode findar.

É o ciclo da vida, do findar ao refazer, O brilho do povo no seu saber-fazer. Viva o Boi de Mamão, nossa linda arte, Que em Santa Catarina é eterna parte!

A noiva fantasma

À beira da estrada, onde o orvalho gela, Uma noiva fantasma, pálida e bela. Seu véu rasgado, como nuvem de dor, A alma perdida, sem nenhum pudor.

Vestido branco, manchado de escuridão, Olhar vazio, sem uma emoção. Espera por alguém que jamais virá, Um amor roubado, que a morte levará.

Os olhos ocos, frestas de um passado cruel, Lágrimas secas, em um pranto infiel. A brisa noturna, seu sussurro é lamento, Eco de um grito, de um juramento.

Mãos diáfanas estendidas no ar, Convidando o viajante a se aproximar. Um toque frio, que a vida suga e consome, Deixando a alma vazia, sem nome.

Ouça os gemidos, na escuridão sem fim, A noiva fantasma, à espera de ti. À beira da estrada, sob a lua fugaz, Seu amor eterno, em um abraço de paz... Ou será morte? O mistério jaz.

O vazio que fica.

A chave ainda gira no silêncio denso, mas o som da porta já não é o mesmo. Falta o eco amigo, o calor imenso, o passo conhecido, o abraço sem recesso.

O ar se tornou mais fino, mais ausente, a luz da sala parece mais pálida e fria. Cada objeto guarda um espectro urgente, a memória teimosa que não se desvia.

No canto, a poltrona, intacta e muda, espera um corpo que jamais virá. A xícara esquecida, a rotina miúda, onde a sua voz ainda teima em morar.

A casa respira, mas com pulmão vazio, as paredes são telas de luto e saudade. O riso morreu, afogado num frio que não tem inverno, mas tem só a verdade.

O seu quarto, um santuário agora fechado, é o poço onde a falta mergulha sem fim. O perfume sumiu, mas ficou gravado na madeira, no tecido, e dentro de mim.

O vazio não é a ausência de móveis, é o peso de tudo o que era seu e sumiu. São as frases não ditas, os amores imóveis, É o lar quebrado, que de repente esfriou.

E a gente caminha por estes corredores, buscando o conforto de um eco qualquer, mas só encontra a dor e seus lamentos-flores, o espaço deixado por quem não pôde ser.

A casa não está vazia, ela está cheia de tudo o que a vida não pode mais trazer. Cheia de você, na saudade que incendeia e na falta que insiste em sobreviver.

O teto do mundo

Do Nepal a China, a imensidão gelada,
O sagarmatha, a face mais nevada.
Oito mil e oitocentos metros, um desafio no ar,
Onde o céu se toca, e o homem quer sonhar
Silencio mortal, rajadas de vento um palco de gelo, de cruel pensamento
Caminho dos bravos, de audácia e de fé, no topo do mundo onde a alma se ve.
A vista é a gloria, o esforço é a lição,
De quem desafiou toda solidão.
O Everest espera, eterno e fatal, o teto da terra, a beleza final

Quando faltam palavras

Quando faltam as palavras,
o silêncio se torna tradução.
É ele quem diz o que a boca hesita,
quem carrega o peso do não-dito.
Faltam letras, sobram suspiros.
E o olhar, esse verbo antigo,
declina no tempo o que a língua esqueceu:
sentir.
pausas que dizem mais que um grito.
Entre o som e o abismo,
o coração soletra, em segredo,
aquilo que a fala não alcança.
Porque às vezes,
não é que falem palavras ?
é que sobram emoções demais
para caber em qualquer uma.

Loucura coletiva

Deus fala comigo ? dizem que é delírio.
Mas e se o delírio for Dele,
espalhado em vozes,
em templos,
em bocas que tremem de fé?
Fecho os olhos, ouço coros.
Uns chamam de anjos,
outros de sinapses em curto.
No fundo,
não sei se rezo ou alucino.
A cruz na parede me observa,
pisca quando não olho.
Talvez seja só o reflexo,
ou talvez o reflexo seja Ele.
As pessoas cantam: "Creio!"
E eu penso ? crer é ver ou querer ver?
Será que Deus é uma febre
que todos decidiram compartilhar?
Há dias em que sinto o divino na pele,
como eletricidade.
Outros, só o zumbido do nada
enchendo o crânio de silêncio.
Se Ele é real, por que se esconde
nas frestas do medo,
no brilho das lâmpadas,
nos segundos que me desmancham?
Talvez Deus seja o nome
que demos à solidão
quando ela ficou grande demais.
Ou talvez ? só talvez ?
a loucura e silencio seja a forma mais pura
de vê-Lo inteiro.

Desprendimento

Os vermes trabalham em silêncio,
fiéis ao destino da carne.
devoram o que fui,
com a paciência de quem não julga.
Sob a terra, meu corpo se dissolve,
volta ao pó, a sepultura escura.
o fim cumprindo seu ofício.
O corpo se entrega ao chão,
sem voz, sem defesa,
Minha alma, porém, há muito partiu.
Deixou o corpo
sem olhar para trás,
sem saudade.
Agora ela vagueia leve,
sem forma, sem fronteira,
enquanto os vermes fazem seu banquete
sobre o que já não sou.

Mas minha alma já partiu.
Deixou este invólucro sem olhar,
livre do peso, livre do nome,
sem forma, sem fronteira.
Os vermes trabalham no escuro,
e eu já não pertenço a nada.

O Cupido Miope

Era uma vez um cupido atrapalhado,
com óculos tortos, meio embaçado.
Queria unir almas, causar emoção,
mas errava o alvo em cada missão!
Atirou na moça que amava um gato,
e o bicho miou: "*Sai fora, ingrato!*"
Depois mirou firme num rapaz vaidoso,
mas flechou o espelho ? ficou amoroso!
Numa festa, tentou resolver um dilema,
mas confundiu a noiva com a prima do tema.
O padre gritou: "Isso é um pecado!"
E o cupido riu, meio envergonhado.
Agora ele usa lente de contato,
e jura que é um cupido exato.
Mas se te apaixonares por uma geladeira...
sinto informar: foi ele outra vez, à beira!

Milagre Imperfeito

Ser é ferida aberta ?
um respirar que dói devagar.
A alma, invisível,
vai talhando o corpo.
Talvez a dor não seja castigo,
mas idioma ?
a forma que o ser encontrou
pra dizer: "ainda estou aqui."
O céu parece mudo,
e ainda assim responde ?
com o vento que passa,
com o nada que fica.
Deus às vezes some,
não porque partiu,
mas porque o coração humano
precisa aprender a escutar o invisível.
Talvez Deus não fale,
porque o verbo já está em tudo
E assim seguimos,
entre o invisível que nos cria
e o tudo que nos consome,
fiéis ao fado
de existir ?
essa tortura silenciosa,
esse milagre imperfeito.
Chamamos isso de vida,
mas é só o espanto
de existir entre dois abismos:
o do que sentimos
e o do que jamais saberemos nomear.
Há um rumor de eternidade
no vazio que Ele deixa.
Não é o som da Sua voz,

mas o eco do que não diz.

Sombra no escuro

Quando a noite desce, e o ar fica frio e denso, Eu me torno o ponto final, o evento, o senso Que a luz amarela, tão fraca e tão certa, Não pode suportar em sua rota aberta.

Eu não sou sombra, não sou vento, sou a ausência breve Que o filamento sente, na dor que me descreve. O poste adiante brilha, indiferente, em seu lugar; Mas sabe que, ao me ver, ele terá que calar.

É um Dom, talvez, ou apenas um cansaço Da matéria em torno, cedendo ao meu passo. A energia ao meu redor, sutil e carregada, É o pequeno erro na fiação já estragada.

Click. O estalo surdo. A rua se apaga, não há mais absurdo. Eu me torno o centro de um círculo escuro e meu, Um rei breve e solitário sob o céu.

E eu me pergunto, enquanto avanço para o próximo: Sou eu que trago a paz, o silêncio máximo? Ou é a escuridão que me reconhece e me chama, E usa a falha elétrica para acender a sua chama?

Deixo para trás o poste que agora dorme, Enquanto à frente a próxima luz se deforma. E assim sigo,

As luzes de sódio sibilam em seu fim, Morrendo brevemente, morrendo só para mim. E no breu que me cerca, mais denso e completo, Eu me sinto, enfim, eu mesmo, da escuridão um reflexo.

Vale a pena lutar?

Vale a pena lutar
por um pedaço de terra?
Contra um traço num mapa,
uma fronteira riscada
com sangue e convenção?
A mina terrestre hibernando
aguarda o passo errado
de um menino que ainda acredita
que brincar é possível.
Enquanto os céus choram bombas
sobre a cabeça de adultos
que sofreram lavagem mental,
a terra ? a mesma terra ?
engole corpos,
de um lado e de outro,
sem distinguir bandeira.
Vale a pena lutar, dizem,
pela pátria, pela honra,
pelo nome do pai.
Mas que vale a pátria
quando o chão é cemitério
e o amanhã é cinza?
A paz é um rumor distante,
um idioma esquecido.
E a humanidade,
essa velha doente,
ainda acredita
que o ferro e o fogo
podem curar a alma.
Talvez lutar valha a pena ?
mas só quando a batalha
é contra a própria cegueira.

Guerra é um fato

O Tabuleiro é belo, mas é de guerra o palco, E a estratégia falha quando o chão trai. Não é a flecha que atinge, nem o golpe franco, Mas a surpresa enterrada que o avito traz.

O Peão avança, passo hesitante e lento, Caminhando sobre um chão de areia fina. Não vê a armadilha, o golpe violento, A peça oculta que jaz na disciplina.

O Bispo observa, de longe, o movimento, Sua rota é reta, mas o alvo é incerto. Cada casa guarda um potencial lamento, Um final súbito, sem aviso, por perto.

A Torre avança, pesada e decidida, Mas um único quadrado tem poder letal. Não precisa de xeque para ceifar a vida, Basta o peso para acionar o final.

A Rainha é forte, o poder que domina, Mas até ela deve medir o seu andar. Pois o tapete de combate tem uma sina: Qualquer deslize pode o jogo estragar.

O Rei, no centro, clama por proteção, Cercado de mistérios, sob a luz opaca. Sabe que a morte espreita em cada seção, Uma surpresa.

Na caixa, escura, fria e apertada, Não há mais preto e branco, amigo ou rival. A hierarquia, enfim, é desfeita e calada, E a igualdade se impõe, depois de todo mal, paz afinal.

O Guardião do Tempo Dourado

No jardim, na praça, Repousa um círculo, de pedra, bronze ou grés, Com linhas finas traçadas, num ritual de luz, Onde o ponteiro imóvel dança aos pés.

Não há engrenagem, nem corda a dar vigor, A sua alma é a sombra, a musa fugaz, Que se estende e encolhe com divino fulgor, Movida pela marcha do Sol, que sempre traz

O ciclo eterno, do nascer ao ocaso, Medindo a jornada, serena e ancestral. Cada risco gravado marca um passo, Da carruagem de Apolo, sublime e real.

O Gnomon, haste firme, aponta para o céu, Capturando o instante, a lição do viver. Não conta o segundo, o minuto, nem o véu De urgência imposta; ensina a perceber.

É um relógio de pausa, de reflexão profunda, Que só vive enquanto a luz o vem beijar. Lembrando que a pressa é falha e infecunda, Pois o tempo mais puro é o que se deixa estar.

E quando a noite chega, com seu manto estrelado, Ele silencia, espera a Aurora vir. Guardando em si o calor do dia passado, A passagem do tempo, guiada só pelo brilho, Do Sol, que em nós desperta o mais belo trilho.

Filha do Aço

Da anja que do ventre nasceu um trovão,
frio, polido, moldado em intenção.
Carrega no peito um rugido de guerra,
eco que atravessa montanhas e terra.
Em seus ossos corre o fogo contido,
que acorda ao toque do dedo atrevido.
É braço de sombra, relâmpago breve,
um sopro que rasga, um corte que leve.
É comprida como a própria sombra,
e guarda no peito um trovão contido.
Quando desperta, o ar se parte,
e o silêncio corre ferido.
Conhece desertos, florestas, fronteiras,
descansa no ombro de almas guerreiras.
E mesmo dormindo, impõe respeito:
silêncio tenso, pulsar no metal perfeito.

Não tem nome dito, mas todos o sabem ?
uma fera que os homens moldam e exaltam.
Entre fumaça e memória, permanece antiga:
a voz de um trovão nascido da briga.
E só serve para ferir ou matar.